

Papa Francisco



Angelus **2025**

Editado por





PAPA FRANCISCO

ANGELUS - 2025

No conjunto de textos publicados na internet no portal "*vatican/va*" em «Angelus - Regina Cæli» do Papa Francisco, inserem-se meditações pronunciadas pelo Santo Padre dirigidas aos fiéis aglomerados na Praça de S. Pedro.

No presente documento recolhem-se 17 dessas meditações, de 1 de Janeiro a 13 de Abril de 2025.

Textos obtidos a partir de
<https://www.vatican.va>

SOLENIIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS

58º DIA MUNDIAL DA PAZ

ANGELUS

Praça São Pedro

Segunda-feira, 1º de janeiro de 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom ano!

A surpresa e a alegria do Natal continuam no Evangelho da liturgia de hoje (*Lc 2, 16-21*), que narra a chegada dos pastores à gruta de Belém. Depois do anúncio dos anjos, com efeito, «foram apressadamente e encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura» (v. 16). Este encontro enche todos de espanto, porque os pastores «começaram a espalhar o que lhes tinham dito a respeito daquele Menino» (v. 17): o recém-nascido é o «Salvador», o «Cristo», o «Senhor» (v. 11)!

Reflitamos sobre o que os pastores viram em Belém, o *Menino*, e também sobre o que não viram, ou seja, o *coração de Maria*, que conservava e ponderava todas estas coisas (cf. v. 19).

Antes de mais, o *menino Jesus*: este nome hebraico significa “Deus salva”, e é precisamente o que fará. O Senhor, com efeito, veio ao mundo para nos dar a sua própria vida. Pensemos nisto: todos os homens são filhos, mas nenhum de nós escolheu nascer. Deus, pelo contrário, escolheu nascer por nós. Deus escolheu. Jesus é a revelação do seu amor eterno, que traz a paz ao mundo.

Ao Messias recém-nascido, que manifesta a misericórdia do Pai, corresponde o *coração de Maria*, a Virgem Mãe. Este coração é o ouvido que escutou o anúncio do Arcanjo; este coração é a mão de esposa dada a José; este coração é o abraço que envolveu Isabel na sua velhice. No coração de Maria, nossa Mãe, bate a esperança; bate a esperança da redenção e da salvação para cada criatura.

As mães! As mães têm sempre no coração os seus filhos. Hoje, neste primeiro dia do ano, dedicado à paz, pensemos em todas as mães que se alegram no seu coração, e em todas as mães que têm o coração cheio de dor, porque os seus filhos foram-lhes tirados pela violência, pela soberba, pelo ódio. Como é bela a paz! E como é desumana a guerra, que despedaça o coração das mães!

À luz destas reflexões, cada um de nós se pode perguntar: sei permanecer em silêncio a contemplar o nascimento de Jesus? E procuro preservar no coração este Acontecimento, a sua mensagem de bondade e de salvação? E eu, como posso retribuir um dom tão grande com um gesto gratuito de paz, de perdão, de reconciliação? Cada um de nós encontrará algo para fazer, e isto fará bem.

Maria, a Santa Mãe de Deus, nos ensine a preservar no coração e a testemunhar no mundo a alegria do Evangelho.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 5 de janeiro de 2025

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

E parabéns, sois corajosos, com a chuva! Bom domingo!

Hoje o Evangelho (cf. *Jo* 1, 1-18), falando-nos de Jesus, Verbo feito carne, diz-nos que «a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a admitiram» (*Jo* 1, 5). Recorda-nos, portanto, quanto é poderoso o amor de Deus, que não se deixa vencer por nada e que, para além de obstáculos e rejeições, continua a resplandecer e a iluminar o nosso caminho.

Vemo-lo no Natal, quando o Filho de Deus, feito homem, supera tantos muros e tantas divisões. Enfrenta o fechamento de mente e de coração dos “grandes” do seu tempo, mais preocupados em defender o poder do que em procurar o Senhor (cf. *Mt* 2, 3-18). Partilha a vida humilde de Maria e José, que o acolhem e criam com amor, mas com as possibilidades limitadas e as dificuldades de quem não tem meios: eram pobres. Oferece-se, frágil e indefeso, no encontro com os pastores (cf. *Lc* 2, 8-18), homens com o coração marcado pelas amarguras da vida e pelo desprezo da sociedade; e depois aos Magos (cf. *Mt* 2, 1), que, impulsionados pelo desejo de O conhecer, enfrentam uma longa viagem e encontram-no numa casa de gente comum, em grande pobreza.

Perante estes e muitos outros desafios, que parecem contradições, Deus nunca pára - ouçamos bem: Deus nunca pára -: encontra mil maneiras para chegar a todos e a cada um de nós, onde quer que estejamos, sem cálculos nem condições, abrindo, mesmo nas noites mais obscuras da humanidade, janelas de luz que a escuridão não pode encobrir (cf. *Is* 9, 1-6). É uma realidade que nos consola e que nos dá coragem, sobretudo num tempo como o nosso, um tempo que não é fácil, onde há tanta necessidade de luz, de esperança e de paz, um mundo onde os homens criam por vezes

situações tão complicadas que parece impossível sair delas. Parece impossível sair de tantas situações, mas hoje a Palavra de Deus diz-nos que não é assim! Pelo contrário, chama-nos a imitar o Deus do amor, abrindo rasgos de luz onde quer que possamos, com quem quer que encontremos, em todos os contextos: familiar, social, internacional. Convida-nos a não ter medo de dar o primeiro passo. É este o convite do Senhor hoje: não tenhamos medo de dar o primeiro passo: é preciso coragem para o fazer, mas não tenhamos medo. Escancarando janelas luminosas de proximidade a quem sofre, de perdão, de compaixão, de reconciliação: estes são os muitos primeiros passos que devemos dar para tornar o caminho mais claro, seguro e possível para todos. E este convite ressoa de modo particular no *Ano jubilar* que acaba de começar exortando-nos a ser mensageiros de esperança com simples mas concretos “sins” à vida, com escolhas que dão vida. Façamo-lo, todos: este é o caminho da salvação!

E assim, no início de um novo ano, podemos perguntar-nos: como posso abrir uma janela de luz no meu ambiente e nas minhas relações? Onde posso ser um rasgo que deixa passar o amor de Deus? Qual é o primeiro passo que deverei dar hoje?

Maria, estrela que guia até Jesus, nos ajude a ser para todos testemunhas luminosas do amor do Pai.

SOLENIIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

ANGELUS

Praça São Pedro

Segunda-feira, 6 de janeiro de 2025

Estimados irmãos e irmãs, feliz festa da Epifania!

Hoje a Igreja celebra a *manifestação* de Jesus, e o Evangelho concentra-se nos Magos que, no final de uma longa viagem, chegam a Jerusalém para adorar Jesus.

Se prestarmos atenção, descobrimos algo um pouco estranho: enquanto aqueles sábios vêm de longe para encontrar Jesus, quantos estavam próximos não dão um passo rumo à gruta de Belém. Atraídos e orientados pela estrela, os Magos enfrentam grandes despesas, põem o seu tempo à disposição, aceitam os numerosos riscos e incertezas que, naquela época, nunca faltavam. No entanto, superam todas as dificuldades para chegar a ver o Rei Messias, pois sabem que este acontecimento é algo de único na história da humanidade e não querem faltar ao encontro. Tinham dentro de si a inspiração e seguiram-na.

Ao contrário, aqueles que vivem em Jerusalém, que deveriam ser os mais felizes e os mais dispostos a acorrer, ficam parados. Os sacerdotes, os teólogos interpretam corretamente as Sagradas Escrituras e dão aos Magos indicações sobre onde encontrar o Messias, mas não abandonam as suas “cátedras”. Estão satisfeitos com o que têm e não se põem em busca, não julgam que vale a pena sair de Jerusalém.

Isto, irmãs e irmãos, faz-nos refletir e, num certo sentido, provoca-nos, pois suscita uma interrogação: nós, eu, hoje, a que categoria pertencemos? Somos mais semelhantes aos pastores, que naquela mesma noite vão à pressa à gruta, e aos Magos do Oriente, que partem confiantes em busca do Filho de Deus que se fez homem, ou somos mais parecidos com aqueles que, embora fisicamente muito próximos d’Ele, não abrem as portas do seu

coração e da sua vida, permanecendo fechados e insensíveis à presença de Jesus? Façamos esta pergunta. A que grupo de pessoas pertencemos?

Segundo uma história, um quarto rei mago chega tarde a Jerusalém, exatamente durante a crucificação de Jesus - é um relato bonito, não é histórico, mas é uma história bonita - porque parou ao longo do caminho para ajudar todos os necessitados, distribuindo-lhes os dons preciosos que tinha trazido para Jesus. No final, chega já idoso e da cruz Jesus diz-lhe: “Em verdade te digo que tudo o que fizeste ao mais pequenino dos irmãos, foi a mim que o fizeste”. O Senhor sabe tudo o que fizemos pelos outros!

Peçamos à Virgem Maria que nos ajude a fim de que, imitando os pastores e os Magos, saibamos reconhecer Jesus próximo no pobre, na Eucaristia, no abandonado, no irmão, na irmã!

FESTA DO BATISMO DO SENHOR

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 12 de janeiro de 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

A festa do Batismo de Jesus, que hoje celebramos, faz-nos pensar em muitas coisas, incluindo o nosso Batismo. Jesus une-se ao seu povo, que vai receber o batismo para o perdão dos pecados. Gosto de recordar as palavras de um hino da liturgia de hoje: Jesus vai fazer-se batizar por João “*com a alma nua e os pés descalços*”.

E quando Jesus recebe o batismo, manifesta-se o Espírito e acontece a Epifania de Deus, que revela o seu rosto no Filho e faz ouvir a sua voz, que diz: «Tu és o Meu Filho muito amado; em Ti pus todo o Meu enlevo» (Lc 3, 22). *O rosto e a voz.*

Antes de mais, o *rosto*. Ao revelar-se Pai através do Filho, Deus estabelece um lugar privilegiado para entrar em diálogo e em comunhão com a humanidade. É o rosto do Filho amado

Em segundo lugar, a *voz*: «Tu és o Meu Filho muito amado» (v. 22). Este é um outro sinal que acompanha a revelação de Jesus.

Queridos irmãos e irmãs, a festa de hoje faz-nos contemplar o rosto e a voz de Deus, que se manifestam na humanidade de Jesus. Perguntemo-nos então: sentimo-nos amados? Sinto-me amado e acompanhado por Deus, ou penso que Deus está distante de mim? Somos capazes de reconhecer o seu rosto em Jesus e nos irmãos? E estamos habituados a ouvir a sua voz?

Faço-vos uma pergunta: cada um de nós se lembra da data do seu Batismo? Isto é muito importante! Pensa: em que dia fui batizado ou batizada? E se não nos lembramos, chegando a casa, perguntemos aos pais,

aos padrinhos, a data do Batismo. E festejemos a data como um novo aniversário: a do nascimento no Espírito de Deus. Não vos esqueçais! Este é um trabalho a fazer em casa: a data do meu Batismo.

Confiemo-nos à Virgem Maria, invocando dela a ajuda. E não esqueçais a data do Batismo!

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 19 de janeiro de 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (*Jo 2, 1-11*) narra-nos o primeiro sinal de Jesus, quando transforma a água em vinho durante uma festa de casamento em Caná da Galileia. É um relato que antecipa e resume toda a missão de Jesus: no dia da vinda do Messias - assim diziam os profetas - o Senhor preparará «um banquete de vinhos excelentes» (*Is 25, 6*) e «as montanhas derramarão o vinho novo» (*Am 9, 13*); Jesus é o Esposo que traz o “vinho novo”.

Neste Evangelho podemos encontrar duas coisas: *a carência e a superabundância*. Por um lado, há falta de vinho e Maria diz ao seu Filho: «Não têm vinho» (v. 3); por outro lado, Jesus intervém mandando encher seis grandes ânforas e, no fim, o vinho é tão abundante e requintado que o mestre do banquete pergunta ao esposo por que o conservou até ao fim (v. 10). Portanto, o nosso sinal é sempre a carência, mas «o sinal de Deus é sempre a superabundância» e «a superabundância de Caná é o sinal» (cf. Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, vol. I, 294). Como responde Deus à *carência* do homem? Com a *superabundância* (cf. *Rm 5, 20*). Deus não é avarento! Quando dá, dá muito. Não te dá um pouco, dá-te muito. Às nossas carências, o Senhor responde com a sua superabundância.

No banquete da nossa vida - podemos dizê-lo -, por vezes apercebemo-nos de que nos falta o vinho: faltam-nos forças e muitas coisas. Isto acontece quando as preocupações que nos afligem, os receios que nos assaltam ou as forças perturbadoras do mal nos roubam o prazer da vida, a inebriação da alegria e o sabor da esperança. Cuidado: perante esta carência, quando o Senhor dá, dá em superabundância. Parece uma contradição: quanto maior é a carência em nós, tanto maior é a superabundância do Senhor. Porque o Senhor quer festejar connosco, uma

festa que não terá fim. Por isso, rezemos à Virgem Maria. Ela, que é a “Mulher do vinho novo” (cf. A. Bello, *Maria, donna dei nostri giorni*), interceda por nós e, neste ano jubilar, nos ajude a redescobrir a alegria do encontro com Jesus.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 26 de janeiro de 2025

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O evangelista Lucas, neste domingo, apresenta-nos Jesus na sinagoga de Nazaré, a cidade onde ele cresceu. Jesus lê o trecho do profeta Isaías que anuncia a missão evangelizadora e libertadora do Messias e depois, no silêncio geral, diz: “Hoje cumpriu-se esta Escritura” (cf. *Lc* 4, 21).

Imaginemos surpresa e a perplexidade dos concidadãos de Jesus, que o conheciam como o filho do carpinteiro, José, e nunca teriam imaginado que ele pudesse apresentar-se como o Messias. Foi uma perplexidade. Mas é de facto assim: Jesus proclama que, com a sua presença, chegou «o ano da graça do Senhor» (v. 19). É a boa nova para todos e de modo especial para os pobres, os presos, os cegos, os oprimidos, diz o Evangelho (cf. v. 18).

Naquele dia, em Nazaré, Jesus confronta os seus interlocutores com uma escolha sobre a sua identidade e a sua missão. Na sinagoga, ninguém podia deixar de se interrogar: será apenas o filho do carpinteiro que se arroga um papel que não lhe pertence, ou será verdadeiramente o Messias, enviado para salvar o povo do pecado?

O evangelista conta-nos que os nazarenos não reconheceram em Jesus o unguido do Senhor. Pensavam que o conheciam demasiado bem e isso, em vez de facilitar a abertura das suas mentes e dos seus corações, bloqueava-os, como um véu que obscurece a luz.

Irmãs e irmãos, este acontecimento, com as devidas analogias, também se verifica connosco hoje. Também nós somos interpelados pela presença e pelas palavras de Jesus; também nós somos chamados a reconhecer n’Ele o Filho de Deus, o nosso Salvador. Mas pode acontecer-nos, como aconteceu aos seus conterrâneos, pensar que já o conhecemos, que já sabemos tudo

sobre ele, que crescemos com ele, na escola, na paróquia, na catequese, num país de cultura católica... E assim, para nós, ele é uma Pessoa próxima, ou melhor, “demasiado” próxima.

Mas procuremos interrogar-nos: sentimos a autoridade única com que Jesus de Nazaré fala? Reconhecemos que Ele é portador de um anúncio de salvação que mais ninguém nos pode dar? E eu, sinto-me necessitado dessa salvação? Sinto que também eu sou, de alguma forma, pobre, preso, cego, oprimido? Então, só então, o “ano de graça” será para mim!

Dirijamo-nos com confiança a Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, para que nos ajude a reconhecer Jesus.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 2 de fevereiro de 2025

Amados irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (*Lc 2, 22-40*) fala-nos de Maria e José que levam o menino Jesus ao Templo de Jerusalém. Segundo a Lei, eles apresentam-no na morada de Deus, para recordar que a vida vem do Senhor. E enquanto a Sagrada Família faz o que sempre se fazia no povo de Israel, de geração em geração, passa-se algo que nunca tinha acontecido antes.

Dois idosos, Simeão e Ana, profetizam sobre Jesus: ambos louvam a Deus e falam do menino «a quantos esperavam a redenção de Jerusalém» (v. 38). As suas vozes comovidas ressoam entre as velhas pedras do Templo, anunciando a realização das expectativas de Israel. Deus está verdadeiramente presente no meio do seu povo: não porque habita entre quatro paredes, mas porque vive como homem entre os homens. É esta a novidade de Jesus. Na velhice de Simeão e Ana, acontece a novidade que muda a história do mundo.

Maria e José, por seu lado, ficaram admirados com as coisas que ouviram (cf. v. 33). Quando Simeão toma o menino nos braços, de facto, chama-o de três maneiras muito bonitas, que merecem reflexão. Três modos, três nomes que lhe dá. Jesus é a *salvação*; Jesus é a *luz*; Jesus é *sinal de contradição*.

Antes de mais, Jesus é a *salvação*. Assim diz Simeão, rezando a Deus: «Os meus olhos viram a tua salvação, preparada por ti diante de todos os povos» (vv. 30-31). Isto deixa-nos sempre estupefactos: a salvação universal concentrada num só! Sim, porque em Jesus habita toda a plenitude de Deus, do seu Amor (cf. Cl 2, 9).

Segundo aspeto: Jesus é «*luz* para iluminar os gentios» (v. 32). Como o sol que nasce sobre o mundo, este menino redimirá o mundo das trevas do mal, da dor e da morte. Como temos necessidade, ainda hoje, de luz, desta luz!

Por fim, o menino abraçado por Simeão é *senal de contradição* «para que sejam revelados os pensamentos de muitos corações» (v. 35). Jesus revela o critério para julgar toda a história e o seu drama, e também a vida de cada um de nós. E qual é esse critério? É o amor: quem ama vive, quem odeia morre.

Jesus é a salvação, Jesus é a luz, Jesus é o sinal de contradição.

Iluminados por este encontro com Jesus, podemos então interrogar-nos: o que espero eu na minha vida? Qual é a minha grande esperança? O meu coração anseia por ver o rosto do Senhor? Espero a manifestação do seu projeto de salvação para a humanidade?

Rezemos juntos a Maria, Mãe Puríssima, para que nos acompanhe nas luzes e nas sombras da história, nos acompanhe sempre ao encontro do Senhor.

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 9 de fevereiro de 2025

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Antes de concluir a celebração, desejo saudar todos vós, que destes vida a esta peregrinação jubilar das Forças Armadas, da Polícia e de Segurança. Agradeço pela sua presença as ilustres Autoridades civis e, pelo seu serviço pastoral, os Ordinários militares e Capelães. Estendo a minha saudação a todos os militares do mundo e gostaria de recordar o ensinamento da Igreja a este respeito. O Concílio Vaticano II afirma: «Aqueles que se dedicam ao serviço da pátria no exército, considerem-se servidores da segurança e da liberdade dos povos» (Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, 79). Este serviço armado deve ser exercido apenas em legítima defesa, nunca para impor o domínio sobre outras nações, observando sempre as convenções internacionais em matéria de conflitos (cf. *ibid.*) e, ainda antes, no sagrado respeito pela vida e pela criação.

Irmãos e irmãs, rezemos pela paz, na martirizada Ucrânia, na Palestina, em Israel e em todo o Médio Oriente, em Myanmar, no Kivu, no Sudão. Silenciem-se as armas por toda a parte e escute-se o grito dos povos, que pedem a paz!

Confiemos a nossa oração à intercessão da Virgem Maria, Rainha da Paz.

ANGELUS

Domingo, 16 de fevereiro de 2025

Texto preparado pelo Papa Francisco

Irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje no Vaticano foi celebrada a Eucaristia dedicada em particular aos artistas vindos de várias partes do mundo para viver as Jornadas jubilares. Agradeço ao Dicastério para a Cultura e a Educação pela preparação deste evento, que nos recorda a importância da arte como linguagem universal que difunde a beleza e une os povos, contribuindo para trazer harmonia ao mundo e para silenciar cada grito de guerra

Desejo saudar todos os artistas que participaram: teria gostado de estar entre vós mas, como sabeis, encontro-me aqui na Policlínica Gemelli porque ainda preciso de alguns tratamentos para a minha bronquite.

Dirijo a minha saudação a todos os peregrinos presentes hoje em Roma, em particular aos fiéis da Diocese de Parma, que vieram em Peregrinação diocesana, guiados pelo seu Bispo.

Convido todos a continuar a rezar pela paz na martirizada Ucrânia, na Palestina, em Israel e em todo o Médio Oriente, em Myanmar, no Kivu e no Sudão

Agradeço-vos pelo afeto, a oração e a proximidade com que me acompanhais nestes dias, assim como gostaria de agradecer aos médicos e aos profissionais de saúde deste Hospital pela sua solicitude: fazem um trabalho precioso e tão cansativo, apoiemo-los com a oração!

E agora recomendemo-nos a Maria, a “Cheia de graça”, para que nos ajude a ser como Ela cantores e artífices da beleza que salva o mundo.

ANGELUS

Domingo, 23 de fevereiro de 2025

Texto preparado pelo Papa Francisco

Irmãos e irmãs, bom domingo!

Esta manhã, na Basílica de São Pedro, foi celebrada a Eucaristia com a Ordenação de alguns candidatos ao diaconado. Saúdo-os, bem como aos participantes no Jubileu dos Diáconos que se realizou nestes dias no Vaticano; e agradeço aos Dicastérios para o Clero e para a Evangelização pela preparação deste evento.

Queridos irmãos Diáconos, vós dedicais-vos ao anúncio da Palavra e ao serviço da caridade; desempenhais o vosso ministério na Igreja com palavras e obras, levando a todos o amor e a misericórdia de Deus. Exorto-vos a continuar o vosso apostolado com alegria e - como sugere o Evangelho de hoje - a ser sinal de um amor que abraça todos, que transforma o mal em bem e gera um mundo fraterno. Não tenhais medo de arriscar o amor!

Da minha parte, continuo com confiança a minha hospitalização na Policlínica Gemelli, fazendo os tratamentos necessários; e o repouso também faz parte da terapia! Agradeço sinceramente aos médicos e aos profissionais de saúde deste Hospital a atenção que me estão a dispensar e a dedicação com que prestam o seu serviço aos doentes.

Amanhã é o terceiro aniversário da guerra em grande escala contra a Ucrânia: um aniversário doloroso e vergonhoso para toda a humanidade! Enquanto renovo a minha proximidade ao martirizado povo ucraniano, convido-vos a recordar as vítimas de todos os conflitos armados e a rezar pelo dom da paz na Palestina, em Israel e em todo o Médio Oriente, em Myanmar, no Kivu e no Sudão.

Nestes dias recebi muitas mensagens de afeto e fiquei particularmente sensibilizado com as cartas e os desenhos das crianças. Obrigado por esta proximidade e pelas orações de conforto que recebi de todo o mundo! Confio todos à intercessão de Maria e peço-vos que rezeis por mim.

ANGELUS

Domingo, 2 de março de 2025

Texto preparado pelo Papa Francisco

Amados irmãos e irmãs!

No Evangelho deste domingo (*Lc 6, 39-45*), Jesus faz-nos refletir sobre dois dos cinco sentidos: a *vista* e o *paladar*.

Relativamente à *vista*, pede-nos que treinemos os nossos olhos para observar bem o mundo e julgar o nosso próximo com caridade. Diz: «Tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o argueiro do olho do teu irmão» (v. 42). Só com este olhar de cuidado, e não de condenação, a correção fraterna pode ser uma virtude. Pois se não for fraterna, não é uma correção!

Relativamente ao *paladar*, Jesus recorda-nos que «cada árvore se conhece pelo seu fruto» (v. 44). E os frutos que provêm do homem são, por exemplo, as suas palavras, que amadurecem nos seus lábios, de modo que «a sua boca exprime o que transborda do seu coração» (v. 45). Os maus frutos são as palavras violentas, falsas, vulgares; os bons são as palavras justas e honestas que dão sabor aos nossos diálogos.

Então podemos perguntar-nos: como olho para os outros, que são meus irmãos e irmãs? E de que modo me sinto olhado por eles? As minhas palavras têm bom sabor ou estão impregnadas de amargura e de vaidade?

Irmãs e irmãos, volto a enviar-vos estas reflexões do hospital, onde, como sabeis, me encontro há vários dias, acompanhado pelos médicos e agentes de saúde, a quem agradeço a atenção com que cuidam de mim. Sinto no meu coração a “bênção” que se esconde na fragilidade, porque é precisamente nestes momentos que aprendemos ainda mais a confiar no Senhor; ao mesmo tempo, agradeço a Deus por me ter dado a oportunidade

de partilhar em corpo e espírito a condição de tantas pessoas doentes e sofredoras.

Agradeço-vos pelas orações que se elevam ao Senhor do coração de tantos fiéis de muitas partes do mundo: sinto todo o vosso afeto e proximidade e, neste momento particular, sinto-me como que “levado” e apoiado por todo o Povo de Deus. Obrigado a todos vós!

Também eu rezo por vós. E rezo sobretudo pela paz. Daqui a guerra parece ainda mais absurda. Rezemos pela martirizada Ucrânia, pela Palestina, Israel, Líbano, Myanmar, Sudão, Kivu.

Recomendemo-nos com confiança a Maria, nossa Mãe. Bom domingo e adeus.

ANGELUS

I Domingo da Quaresma, 9 de março de 2025

Texto preparado pelo Papa Francisco

Amados irmãos e irmãs!

Na passada quarta-feira, com o rito das cinzas, iniciámos a Quaresma, o itinerário penitencial de quarenta dias que nos chama à conversão do coração e nos conduz à alegria da Páscoa. Esforcemo-nos por fazer dela um tempo de purificação e de renovação espiritual, um caminho de crescimento na fé, na esperança e na caridade.

Esta manhã, na Praça de São Pedro, foi celebrada a Santa Missa para o mundo do voluntariado, que está a viver o seu Jubileu. Nas nossas sociedades demasiado escravizadas pela lógica do mercado, onde tudo corre o risco de ser submetido ao critério do interesse próprio e da procura do lucro, o voluntariado é profecia e sinal de esperança, pois testemunha o primado da gratuidade, da solidariedade e do serviço aos mais necessitados. Aos que se dedicam a este campo, expresso a minha gratidão: obrigado por oferecerdes o vosso tempo e as vossas competências; obrigado pela proximidade e ternura com que cuidais dos outros, despertando neles a esperança!

Irmãos e irmãs, na minha prolongada permanência aqui no Hospital, também eu experimento a atenção do serviço e a ternura do cuidado, particularmente dos médicos e dos profissionais de saúde, a quem agradeço do fundo do coração. E, enquanto estou aqui, penso em tantas pessoas que, de diferentes maneiras, estão próximas dos doentes e são para eles um sinal da presença do Senhor. Temos necessidade disto, do “milagre da ternura”, que acompanha quantos estão na provação, trazendo um pouco de luz na noite da dor.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que me estão a demonstrar a sua proximidade na oração: obrigado a todos! Também eu rezo por vós. E uno-

me espiritualmente a quantos, nos próximos dias, participarão nos Exercícios espirituais da Cúria Romana.

Juntos continuamos a invocar o dom da paz, especialmente na martirizada Ucrânia, na Palestina, em Israel, no Líbano e em Myanmar, no Sudão e na República Democrática do Congo. Em particular, tomei conhecimento com preocupação do recomeço de violências nalgumas zonas da Síria: espero que cessem definitivamente, no pleno respeito de todas as componentes étnicas e religiosas da sociedade, especialmente dos civis.

Confio-vos a todos à intercessão materna da Virgem Maria. Bom domingo e até à próxima!

ANGELUS

II Domingo da Quaresma, 16 de março de 2025

Texto preparado pelo Papa Francisco

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje, segundo domingo de Quaresma, o Evangelho fala-nos da Transfiguração de Jesus (Lc 9, 28-36). Depois de ter subido ao cimo de um monte com Pedro, Tiago e João, Jesus imerge-se na oração e torna-se radiante de luz. Mostra assim aos discípulos o que se esconde por detrás dos gestos que Ele realiza no meio deles: a luz do seu amor infinito.

Partilho convosco estes pensamentos, enquanto enfrento um período de provação, e uno-me a tantos irmãos e irmãs doentes: frágeis, neste momento, como eu. O nosso físico é débil mas, mesmo assim, nada nos pode impedir de amar, de rezar, de nos doarmos, de sermos uns pelos outros, na fé, sinais luminosos de esperança. Quanta luz resplandece, neste sentido, nos hospitais e nos centros de saúde! Quanta atenção amorosa ilumina os quartos, os corredores, os consultórios, os lugares onde se realizam os serviços mais humildes! Por isso, gostaria de vos convidar, hoje, a louvar comigo ao Senhor, que nunca nos abandona e que nos momentos de dor coloca ao nosso lado pessoas que refletem um raio do seu amor.

Agradeço a todos as vossas orações, e agradeço àqueles que me assistem com tanta dedicação. Sei que muitas crianças rezam por mim; algumas delas vieram hoje aqui ao “Gemelli” em sinal de proximidade. Obrigado, queridas crianças! O Papa gosta muito de vocês e está sempre à espera de se encontrar convosco.

Continuemos a rezar pela paz, especialmente nos países feridos pela guerra: na martirizada Ucrânia, na Palestina, Israel, Líbano, Myanmar, Sudão, República Democrática do Congo.

E rezemos pela Igreja, chamada a traduzir em escolhas concretas o discernimento feito na recente Assembleia Sinodal. Agradeço à Secretaria Geral do Sínodo, que nos próximos três anos acompanhará as Igrejas locais neste compromisso.

A Virgem Maria nos proteja e nos ajude a ser, como Ela, portadores da luz e da paz de Cristo.

ANGELUS

III Domingo da Quaresma, 23 de março de 2025

Texto preparado pelo Papa Francisco

Amados irmãos e irmãs, bom domingo!

A parábola que encontramos no Evangelho de hoje fala-nos da paciência de Deus, que nos impele a fazer da nossa vida um tempo de conversão. Jesus usa a imagem de uma figueira estéril, que não deu os frutos esperados e que, no entanto, o agricultor não quer cortar: quer adubá-la de novo para ver «se dará frutos na próxima estação» (Lc 13, 9). Este agricultor paciente é o Senhor, que trabalha com cuidado o solo da nossa vida e espera com confiança o nosso regresso a Ele.

Neste longo período de hospitalização, pude experimentar a paciência do Senhor, que também vejo refletida nos cuidados incansáveis dos médicos e dos profissionais de saúde, bem como nas atenções e esperanças dos familiares dos doentes. Esta paciência confiante, ancorada no amor inabalável de Deus, é de facto necessária na nossa vida, sobretudo para enfrentar as situações mais difíceis e dolorosas.

Entristeceu-me o recomeço dos intensos bombardeamentos israelitas na Faixa de Gaza, com tantos mortos e feridos. Apelo a que se silencie imediatamente as armas; e que se tenha a coragem de retomar o diálogo, para que todos os reféns sejam libertados e se chegue a um cessar-fogo definitivo. Na Faixa de Gaza, a situação humanitária é novamente muito grave e exige um empenhamento urgente das partes beligerantes e da comunidade internacional.

Congratulo-me, em contrapartida, com o facto de a Arménia e o Azerbaijão terem concordado o texto final do Acordo de paz. Espero que seja assinado o mais rapidamente possível e que contribua assim para o restabelecimento de uma paz duradoura no Cáucaso Meridional.

Com tanta paciência e perseverança continuais a rezar por mim: muito obrigado! Também eu rezo por vós. E juntos imploremos o fim das guerras e a paz, especialmente na martirizada Ucrânia, na Palestina, em Israel, no Líbano, em Myanmar, no Sudão, na República Democrática do Congo.

Que a Virgem Maria nos proteja e continue a acompanhar-nos na nossa caminhada rumo à Páscoa.

ANGELUS

IV Domingo da Quaresma, 30 de março de 2025

Texto preparado pelo Papa Francisco

Estimados irmãos e irmãs, bom domingo!

No Evangelho de hoje (Lc 15, 1-3.11-32), Jesus dá-se conta de que os fariseus, em vez de se alegrarem porque os pecadores se aproximam d'Ele, se escandalizam e murmuram às suas costas. Então Jesus narra-lhes a história de um pai que tem dois filhos: um sai de casa, mas depois, tendo acabado na miséria, regressa e é recebido com alegria; o outro, o filho “obediente”, indignando com o pai, não quer participar na festa. É assim que Jesus revela o coração de Deus: sempre misericordioso para com todos; cura as nossas feridas para que nos possamos amar como irmãos.

Caríssimos, vivamos esta Quaresma, ainda mais no Jubileu, como tempo de cura. Também eu a experimento assim, na alma e no corpo. Por isso, agradeço de coração a todos aqueles que, à imagem do Salvador, são instrumentos de cura para o próximo com a sua palavra e o seu saber, com o afeto e a oração. A fragilidade e a doença são experiências comuns a todos nós; no entanto, com mais razão somos irmãos na salvação que Cristo nos concedeu.

Confiantes na misericórdia de Deus Pai, continuemos a rezar pela paz: na martirizada Ucrânia, na Palestina, em Israel, no Líbano, na República Democrática do Congo e em Myanmar, que sofre muito também devido ao tremor de terra.

Acompanho com preocupação a situação no Sudão do Sul. Renovo o meu apelo sincero a todos os Líderes a fim de que envidem todos os esforços para diminuir a tensão no país. É preciso pôr de lado as divergências e, com coragem e responsabilidade, sentar-se à volta de uma mesa e encetar um diálogo construtivo. Só assim será possível aliviar os

sofrimentos do amado povo sul-sudanês e construir um futuro de paz e estabilidade.

E no Sudão, a guerra continua a ceifar vítimas inocentes. Exorto as partes em conflito a pôr em primeiro lugar a salvaguarda da vida dos seus irmãos civis; e desejo que se iniciem o mais rapidamente possível novas negociações, capazes de assegurar uma solução duradoura para a crise. A Comunidade internacional intensifique os esforços para enfrentar esta terrível catástrofe humanitária.

Graças a Deus, há também dados positivos: cito como exemplo a ratificação do Acordo sobre a demarcação dos confins entre o Tadjiquistão e o Quirguizistão, que constitui um excelente resultado diplomático. Encorajo ambos os países a prosseguir por este caminho.

Que Maria, Mãe de misericórdia, ajude a família humana a reconciliar-se na paz.

ANGELUS

V Domingo da Quaresma - 6 de abril de 2025

Texto preparado pelo Papa Francisco

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho deste quinto domingo da Quaresma apresenta-nos o episódio da mulher surpreendida em adultério (*Jo 8, 1-11*). Enquanto os escribas e os fariseus querem apedrejá-la, Jesus restitui a esta mulher a beleza perdida: ela caiu no pó; Jesus passa o dedo sobre aquele pó e escreve para ela uma nova história: Ele é o “dedo de Deus”, que salva os seus filhos (cf. *Ex 8, 15*) e os liberta do mal (cf. *Lc 11, 20*).

Caríssimos, tal como durante a minha hospitalização, também agora, na minha convalescença, sinto o “dedo de Deus” e experimento a sua carícia solícita. No dia do Jubileu dos doentes e do mundo da saúde, peço ao Senhor que este toque do seu amor chegue aos que sofrem e anime quantos cuidam deles. E rezo pelos médicos, enfermeiros e profissionais de saúde, que nem sempre são ajudados a trabalhar em condições adequadas e, por vezes, são até vítimas de agressões. A sua missão não é fácil e deve ser apoiada e respeitada. Espero que sejam investidos os recursos necessários no tratamento e na investigação, para que os sistemas de saúde sejam inclusivos e atentos aos mais frágeis e aos mais pobres.

Agradeço às detidas da prisão feminina de Rebibbia o bilhete que me enviaram. Rezo por elas e pelas suas famílias.

No Dia mundial do desporto pela paz e pelo desenvolvimento, desejo que o desporto seja um sinal de esperança para tantas pessoas necessitadas de paz e de inclusão social, e agradeço às associações desportivas que educam concretamente para a fraternidade.

Continuemos a rezar pela paz: na martirizada Ucrânia, atingida por ataques que causam muitas vítimas civis, incluindo numerosas crianças. E

acontece o mesmo em Gaza, onde as pessoas são obrigadas a viver em condições inimagináveis, sem abrigo, sem comida, sem água potável. Façamos calar as armas e retomemos o diálogo; libertemos todos os reféns e resgatemos a população. Rezemos pela paz em todo o Médio Oriente; no Sudão e no Sudão do Sul; na República Democrática do Congo; em Myanmar, também duramente atingida pelo terramoto; e no Haiti, onde a violência continua vitimando duas religiões há poucos dias.

Que a Virgem Maria nos proteja e interceda por nós.

ANGELUS

Domingo de Ramos, 13 de abril de 2025

Texto preparado pelo Papa Francisco

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, Domingo de Ramos, ouvimos no Evangelho a narração da Paixão do Senhor segundo Lucas (cf. *Lc* 22, 14-23, 56). Ouvimos Jesus dirigir-se várias vezes ao Pai: «Pai, se quiseres, afasta de Mim este cálice, não se faça, contudo, a Minha vontade, mas a Tua» (22, 42); «Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem» (23, 34); «Pai, nas tuas mãos entrego o Meu espírito» (23, 46). Indefeso e humilhado, vimo-lo caminhar para a cruz com os sentimentos e o coração de uma criança abraçada ao pescoço do pai, frágil na carne, mas forte no abandono confiante, até adormecer, na morte, nos seus braços.

São sentimentos que a liturgia nos convida a contemplar e a fazer nossos. Todos nós temos dores, físicas ou morais, e a fé ajuda-nos a não ceder ao desespero, a não nos fecharmos na amargura, mas a enfrentá-las, sentindo-nos protegidos, como Jesus, pelo abraço providencial e misericordioso do Pai.

Irmãs e irmãos, agradeço-vos muito as vossas orações. Neste momento de fragilidade física, elas ajudam-me a sentir ainda mais a proximidade, a compaixão e a ternura de Deus. Também eu rezo por vós e peço-vos que confieis comigo ao Senhor todos os que sofrem, especialmente aqueles que são atingidos pela guerra, pela pobreza ou por catástrofes naturais. Em particular, que Deus acolha na sua paz as vítimas do desabamento de um edifício em Santo Domingo e conforte as suas famílias.

O dia 15 de abril marcará o segundo triste aniversário do início do conflito no Sudão, com milhares de mortos e milhões de famílias obrigadas a abandonar as suas casas. O sofrimento de crianças, mulheres e pessoas vulneráveis clama aos céus e implora-nos que ajamos. Renovo o meu apelo

às partes envolvidas, para que ponham fim à violência e enveredem por caminhos de diálogo, e à Comunidade internacional, para que não faltem as ajudas essenciais às populações.

E recordemos também o Líbano, onde a trágica guerra civil começou há cinquenta anos: com a ajuda de Deus, que possa viver em paz e prosperidade

Que a paz chegue finalmente à martirizada Ucrânia, à Palestina, a Israel, à República Democrática do Congo, a Myanmar, ao Sudão do Sul. Que Maria, Mãe das Dores, nos obtenha esta graça e nos ajude a viver com fé a Semana Santa.